Um Pequeno Retrato da Questão Racial Brasileira na Eleição Presidencial de 2026: alguns apontamentos sobre o Movimento Negro no Segundo Turno

Coordenação da Campanha dos 21 dias de ativismo contra o racismo[1]

1. Onde estamos?

Fazer uma radiografia do cenário político brasileiro a partir da pauta racial envolve grande complexidade. Propor uma análise no olho do furacão tem vantagens por estarmos bem próximo dos fatos ocorridos, mas muitas desvantagens pois muitos fenômenos não conseguimos captar de imediato. A velocidade das transformações e a ingerência de atores internos e externos tornou a tarefa hercúlea. Apresentaremos aqui 7 pontos acerca do debate da pauta racial no segundo turno da eleição presidencial de 2026 no Brasil.

Esse segundo turno demonstrou que a pauta racial passou por grandes atritos. Enfrentamento aos retrocessos, reafirmação de nossas lutas, consolidação de políticas importantes da pauta antirracista, desafios de um mundo cada vez mais hostil, criação e renovação das nossas lideranças precisam ser postos, ao Estado brasileiro, para a afirmação de uma democracia verdadeira.

2. Da euforia à cautela

Depois de dias tensos, muito jogo sujo e criminoso, vencemos! Garantimos, por mais um período, a democracia com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. Vencemos uma batalha, mas

[1] Disponível na página https://21diasdeativismocontraoracismo.com/

com muitos elementos problemáticos para negros, mulheres, quilombolas e indígenas. Não sejamos inocentes e nem fiquemos inebriados com essa vitória, o jogo apenas começou e o cenário é bastante adverso. Além de um congresso eleito de maioria conservadora, neoliberal vinculada a agenda neofascista, é importante relembrar que nem todos que apoiaram a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva estão do mesmo lado. Porém, foi uma vitória histórica e geográfica que torna-se exemplo para o mundo que luta: 1- contra o neofascismo e a extrema-direita; 2- contra o poder das Big Techs; 3- contra a tentativa de intervenção imperialista dos EUA; 4- contra a mídia corporativa ardorosamente militante para o retorno das BET's, ajuste fiscal e que deseja acabar com direitos dos trabalhadores conseguidos com a aprovação do fim da escala 6 X 1; 7- contra poderes executivos, legislativos e judiciários nacional, de estados e municípios corruptos, parciais e bolsonaristas que fizeram ações deliberadas para favorecer a extrema-direita na eleição; 8- contra as milícias no poder e 9- contra as elites flutuantes parasitas que vampirizam o país até sugar todas as energias e depois se deslocam para outro lugar.

Jovens, estudantes, artistas tanto que viveram o Maio de 68, a eleição pós ditadura, a eleição do primeiro governo Lula, quanto artistas da geração da Internet, fandoms de artistas pop's, torcidas organizadas de futebol antifascistas, idosos, intelectuais, cantores de rap e atuante da cultura hip hop, ciberativismo, gamificação da ação política com a difusão nas redes sociais de memes produzidos por inteligências artificiais, movimentos sociais de mulheres, movimento negro, movimento sem terra, movimento sem teto, movimento indígena, movimento quilombola, comunidades de terreiro e novos integrantes da esquerda conseguiram o que para muitos parecia impossível, virar votos e derrotar Flávio Bolsonaro.

Uma nova tecnopolitica no mundo digital, que teve o deputado André Janones, uma liderança importante com a criação do *Exército do Lula* nas redes digitais para tomar a hegemonia das redes sociais da extrema-direita. Ações nas ruas lideradas por estudantes e a

juventude iniciada na cidade de Niterói, logo após a vitória de Flávio Bolsonaro no primeiro turno, tomou o país, especialmente as grandes cidades (mas não só), com grandes manifestações de apoio à candidatura de Lula.

> Manifestações pacíficas e profundamente culturais. Organizamos manifestações que reuniram milhões de pessoas no Rio de Janeiro (Rocinha e Copacabana), em São Paulo (Avenida Paulista e Largo da Batata) e em Belo Horizonte (Praça Sete e Praça Raul Soares). Centenas de outras manifestações ocorreram em todo o país, em cidades grandes e pequenas. Também organizamos eventos culturais em defesa da democracia brasileira, debates, palestras e apresentações culturais que explicavam o que estava em jogo naquela eleição: democracia versus autoritarismo; trabalho digno versus exploração; ciência, cultura e educação versus fanatismo religioso e extremismo. Divulgamos esses eventos nas redes sociais. Nossa estratégia era promover o diálogo. Milhões de pessoas que haviam votado em branco ou anulado o voto no primeiro turno, ou que sequer haviam comparecido às urnas, decidiram participar do segundo turno e apoiar nosso projeto político. A mobilização de estudantes universitários, alunos de cursos técnicos, trabalhadores e pessoas idosas, inclusive aquelas com mobilidade reduzida, foi essencial. Foi algo verdadeiramente extraordinário. O que vivenciamos no Brasil nos últimos dias certamente será objeto de estudos durante muitos anos, especialmente nos campos da Ciência Política, do Direito Constitucional [, Geografia Política] e da Sociologia[2].

Ao mesmo tempo, uma etnicopolítica e uma corpolitica protagonizada pelos idosos, juventude, precariado, indígenas, comunidades de terreiro, quilombolas, moradores de favelas, mulheres e negros tomou as ruas e as redes demonstrando quem seriam os principais impactados com a vitória de Flávio Bolsonaro.

O Brasil tornou-se um farol de esperança diante do espectro da extrema-direita neofascista que se espalha por quase todos os continentes. Militantes, ativistas e governos progressistas em todo o mundo viram que a eleição de Lula no Brasil foi protagonizada pela

[2] VIANA, Eduardo Lourenço. O Gigante adormecido acordou Artigo originalmente publicado em inglês, na data de 30/10/2026, no Portal Estadunidense (EUA): Observatório do Sul Global. Link de acesso ao original: https://www.globalsouthwatch.org/article/the-sleeping-giant-has-awakened

intensa mobilização popular nas ruas e nas redes, nos gestos políticos em fazer o L e na coalizão de inúmeros atores para garantir a democracia frente ao neofascismo.

> Durante um discurso político, a ativista espanhola [e ex-prefeita de Barcelona (2015-2023) Ada Colau] convocou o público a levantar o braço e fazer o L de Lula, associando o gesto à esperança, à defesa de uma Palestina livre e à mobilização popular.
> "Todos levantem o braço com o L de Lula! Pela esperança, por uma Palestina livre, por Lula no Brasil e, no dia 29 de novembro, vamos ganhar, companheiras", declarou.
> A cena repercutiu nas redes sociais e levantou comentários sobre como um gesto que ganhou força na política brasileira está ultrapassando fronteiras e sendo associado a pautas como democracia, esperança e resistência política[3].

O Brasil tem sido apresentado com esperança e inspiração no combate ao neofascismo no mundo pelo ação extraordinária feita contra múltiplos inimigos na última eleição presidencial do dia 25 de outubro de 2026. A permanente mobilização torna-se um dos focos da luta contra o neofascismo e garantias de direitos, inclusive pressionando o governo Lula eleito para seu quarto mandato.

3. Contra quem lutamos …

Inúmeros especialistas têm demonstrado que as promessas bilionárias de cortes de gastos do candidato Flávio Bolsonaro na campanha eleitoral atingiriam diretamente os povos e comunidades tradicionais, especialmente indígenas e quilombolas, a população mais pobre, negra e as mulheres.

[3] Retirado de https://www.instagram.com/reel/DfAPEqWR6Fa/?obrf=ZWNqMHB5ZGtkM3R2 em 28 de outubro de 2026.

> Em uma sociedade marcada pela divisão racial do trabalho e pela persistência do racismo estrutural, a escolha por conter os gastos públicos penaliza com maior força aqueles que dependem dos serviços universais do Estado e que ocupam os postos mais vulneráveis do mercado de trabalho. Recompor a demanda efetiva, proteger o investimento social e enfrentar as assimetrias que pesam sobre a população negra e as mulheres não são apenas imperativos de justiça social, são pré-requisitos para qualquer projeto soberano e inclusivo de desenvolvimento econômico[4].

Lembremos que Flávio Bolsonaro votou contra a ampliação da licença-maternidade e depois, para ganhar votos, disse que se arrependeu. Seu pai, seu grande ídolo e 'exemplo de administração', votou contra os direitos das empregadas domésticas e também vetou a distribuição gratuita de absorventes para estudantes de baixa renda, mulheres em situação de rua e privadas de liberdade. "Paralelamente, os cortes em gastos públicos vitais, como saúde, educação, oferta de creches e assistência social, não eliminam a necessidade de cuidado da população. Em vez disso, transferem o custo material da reprodução social diretamente para o trabalho não pago das mulheres dentro dos lares, sobrecarregando ainda mais o cotidiano das famílias periféricas"[5].

A possível vitória do candidato Flávio Bolsonaro colocava em jogo um caldeirão de conflitos sociais, territoriais e ambientais sobre grilagem de terras, desmatamento do Cerrado, Mata Atlântica, Amazônia e o controle das terras raras brasileiras pelo governo dos EUA. O projeto explícito da extrema-direita era reestabelecer uma gestão do território nacional em que: 1- alguns devem morrer (especialmente militantes de esquerda, sem terras, sem tetos,

[4] CHAVES, Iago. Ajuste fiscal e racismo, a conexão oculta. OutrasPalavras. Publicado 04/11/2026 às 14:08 - Atualizado 04/11/2026 às 15:09. Retirado de https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/ajuste-fiscal-e-racismo-a-conexao-oculta/?utm_source=ig&utm_medium=social&utm_content=link_in_bio&fbclid=PAdGRzdgVZTP9leHRuA2FlbQIxMQBwZG9mAnNydGMGYXBwX2lkDzU2NzA2NzM0MzM1MjQyNwABp7mhebuzQDRaChktxBc3mx36l6L0f7VFzSdhQ1yAnexxLmnsvYBfw7XuIHZ0_aem_1AwW6_xpPwOK5G27ETkdsg em 05 de novembro de 2026.

[5] Idem.

professores, intelectuais, ativistas, militantes de movimentos sociais, quilombolas, indígenas, LGBTQIAPN+ e negros); 2- deve-se deixar morrer a mulher que não for recatada, do lar, temente ao Deus cristão e submissa ao homem, os usuários do SUS (Sistema Único de Saúde), pcd's (pessoas com deficiência), atingidos pela mineração e pelos grandes projetos; e 3- fazer reviver os ideários da escravidão e da ditadura com a destruição de direitos e intensa exploração. Esse último parece ser a tradução das elites brasileiras do MAGA (sigla para *Make America Great Again* em português, *"Torne a América Grande Novamente"*). Ou seja, o delírio da extrema-direira é (*Fazer o Brasil Grande Novamente*) como na época da escravidão e da ditadura, segunda essa mentalidade racista, neofascista e ditatorial. Acabar com negros nas universidades, nos aeroportos, desmonte da educação, da cultura, liberalização total do porte de armas, acabar com direitos das empregadas domésticas, reforçar a ultra-exploração dos trabalhadores com a uberização da sociedade e que a polícia possa agir livremente assassinando, ameaçando e extorquindo gente, considerada de menos valor, para garantir o bem-estar da elite branca e burguesa brasileira. Importante lembrar que o senador Flávio Bolsonaro usou todo o seu prestígio para defender e obstruir o julgamento de um policial assassino de uma criança negra de 05 anos na cidade de Niterói.

Durante todo o período eleitoral e pós eleitoral vem ocorrendo inúmeras manifestações de supremacistas brancos: 1- ameaçando e intimidando deputados e, especialmente, deputadas negras eleitas com práticas de violências, ameaças de estupros e assassinatos; 2- avisos da bancada neofascistas eleita de retirada de direitos, sobretudo da população negra, pobre e das mulheres caso acontecesse a vitória de Lula; 3- discurso de ódio e ameaça com armas de fogo e chicote de uma deputada catarinense reeleita com símbolo da Alemanha nazista (uma tiara de flores na cabeça exaltando a pureza racial). Adicionado a isso, ameaças de invasão de territórios de indígenas e quilombolas, saudações nazistas no dia da eleição e teatralização de captura de

‘negros escravizados’ fantasiado de Exu (orixá das religiões de matriz afro demonizado historicamente pelo fundamentalismo cristão) foram algumas formas do supremacismo branco apresentados como a política do terror que a vitória da extrema-direita anunciava.

Este período é marcado também pelo aniversário macabro da maior chacina no Brasil, o massacre nos Complexos da Penha e do Alemão, no Rio de Janeiro, no dia 28 de outubro de 2025. Uma das maiores e mais letais operações policiais já realizadas com mais de 2000 agentes das forças de segurança resultando oficialmente em 122 mortos (117 civis e 05 policiais)[6]. Além disso, a contabilidade dos presos, casas invadidas, feridos e marcados por essa violência é ainda maior e imprecisa[7]. Segundo o IDMJRacial 03 pessoas, mesmo depois de 01 ano, ainda continuam desaparecidas.

> A violência estatal, portanto, não pode ser medida somente pelo número de pessoas mortas. Ela precisa ser analisada também pelos efeitos produzidos sobre as condições de reprodução da vida. Essa é uma questão fundamental para a perspectiva da IDMJRacial.
> Quando uma operação interrompe a circulação, impede o trabalho, fecha escolas, destrói equipamentos e estabelece uma situação de medo generalizado, ela altera temporariamente — e muitas vezes de maneira prolongada — as condições materiais de existência da população. O território passa a pagar um preço que não aparece nos relatórios tradicionais de segurança pública (Grifos do próprio texto)[8].

Na operação que completou 01 ano foram relatados: violação de direitos, descumprimento do uso de câmeras pelos agentes de segurança, tortura, invasão de domicílios, constrangimentos e

[6] Para mais informações ver o artigo: Um ano depois do massacre da penha: desaparecimentos, não reparação e a política de cuidado – proteção construída pela IDMJRacial em https://dmjracial.com/2026/10/28/um-ano-depois-do-massacre-da-penha-desaparecimentos-nao-reparacao-e-a-politica-de-cuidado-protecao-construida-pela-idmjracial/

[7] Idem.

[8] Retirado de https://dmjracial.com/2026/10/28/um-ano-depois-do-massacre-da-penha-desaparecimentos-nao-reparacao-e-a-politica-de-cuidado-protecao-construida-pela-idmjracial/ em 31 de outubro de 2026.

furtos praticados por agentes de seguranças, graves problemas nas investigações e nas perícias das mortes. Aquele que deu a ordem para a operação, na época o governador Cláudio Castro, também bolsonarista, não foi responsabilizado e punido pelos crimes cometidos. Esse caso nem foi lembrado nos debates para a presidência.

4. Estratégias políticas construídas no segundo turno

A aversão do candidato Flávio Bolsonaro às ações afirmativas, ao SUS (Sistema Único de Saúde), as políticas sociais, ao Bolsa Família, aos movimentos sociais, a universidade pública, a educação de forma geral, ao movimento negro, movimento de mulheres, movimento quilombola, movimento LGBTQIAPN+ é conhecida muito antes da eleição presidencial deste ano. A sua vitória no primeiro turno acendeu o botão de alerta de diversos grupos aos retrocessos que poderiam acontecer. A Igreja Católica viu-se diante de uma possível perda da hegemonia no Brasil sob ameaças de destituição de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil. Lembremos que no catolicismo popular, Nossa Senhora Aparecida é conhecida como a santa negra. Sermões de padres, bispos e arcebispos tornaram-se arenas de disputas contra a extrema-direita e o fundamentalismo cristão evangélico.

A geografia política e a geopolítica dos debaixos construídas no segundo turno do chão contra o cifrão[9] mobilizou múltiplas escalas e esferas do agir político. A campanha política, especialmente no segundo turno, foi marcada por ações nas ruas, nos meios de transporte, nos territórios silenciados e subalternizados de povos e comunidades tradicionais, favelas, periferias, áreas dominadas por grupos armados, milícias e o mundo virtual.

[9] SANTOS Milton. O chão contra o cifrão. Folha de S. Paulo, 1999. Caderno Mais!, 28 de fevereiro, p. 5.

No dia do segundo turno, o controle da mobilidade territorial, assim como na última eleição presidencial, foi novamente alvo do projeto racial, xenofóbico e neofascista. Do controle do tráfego aéreo com boicote de empresas que iam em direção ao Nordeste (que tradicionalmente vota em Lula) ao controle dos transportes fluviais e rodoviários em áreas indígenas e pobres que historicamente votam em Lula também. As soluções foram: 1- caminhar longas distâncias; 2- transporte solidário; 3- pressionar as autoridades públicas, especialmente o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) para garantir transporte fluvial aos povos indígenas em áreas de difícil acesso; 4- garantir o restabelecimento da circulação de linhas aéreas para o Nordeste; 5- reestabelecer a circulação de barcas e os ônibus na cidade de Salvador e entorno. A pressão popular levou à prisão do secretário de mobilidade da cidade de Salvador, uma das cidades mais negras das Américas e também uma das cidades, em que apesar de todas essas interdições, Lula venceu em todas as seções eleitorais no segundo turno. Essas foram algumas formas de enfrentar esta dimensão espacial do racismo imposta no segundo turno das eleições. Lembremos que no Brasil, os negros e os indígenas foram inventados pela branquitude como problemas espaciais, ou seja, seres que precisam ser contidos, interditados e colocado inúmeros obstáculos em sua trajetória, pois os negros e indígenas gerariam medo e insegurança[10].

A família Bolsonaro usa historicamente o tema da Segurança Pública para defender o armamento da sociedade, encarceramento em massa, ações punitivistas, pena de morte, defesa da militarização e milicialização dos territórios pobres e majoritariamente negros, proteção a policiais assassinos e redução da maioridade penal. Contudo, Flauzina[11] também adverte que no momento auge do segundo turno Lula, em uma das sabatinas na TV aberta, afirmou uma

[10] OLIVEIRA, Denilson Araújo. Geografias Negras do Genocídio Negro Brasileiro: enfrentamentos à antinegritude. Rio de Janeiro: Consequência, 2025.
[11] Retirado de https://www.instagram.com/p/DfHrwe0oFjp/?img_index=5&mdxt=MWM4d3h3OGI1aHQ2dQ%3D%3D em 30 de outubro de 2026.

mudança de postura sobre a maioridade penal. Vemos aí os corpos negros sendo oferecidos como moeda de barganha para conseguir vitória eleitoral. Não sejamos inocentes, lembra a jornalista negra Flávia Oliveira[12].

O lugar da pauta racial no quarto mandato do governo Lula se apresenta como um caminho ainda mais árduo do que nos outros mandatos para o Movimento Negro. Como diz o rapper/intelectual Emicida "Tudo, tudo, tudo, tudo que nóis tem é nóis". Temos que estar felizes com a permanência da democracia, mas atentos e críticos com a reprodução do racismo institucional, pois os corpos negros continuam sendo alvo da aceitabilidade da matança e da destruição das condições sócio-espacias de sua existência[13]. A liberdade é uma luta constante, já dizia Angela Davis[14].

5. Os desafios do pós-eleição

Por outro lado, vários casos têm sido noticiados de pessoas que votaram no candidato Lula sendo demitidas por patrões bolsonaristas em várias partes do país. Ao mesmo tempo, segue o crescente número de *fake news* sobre a vitória de Lula e sobre as suas novas ações no pós-eleições.

Após a vitória, Lula afirmou que o governo federal irá atuar na segurança pública sem mostrar maiores detalhes. Isso preocupa, pois as experiências dos governos petistas são desastrosas na segurança pública, especialmente para a população negra. De mais a mais, com o término da eleição, indígenas tem sofrido ataques racistas, ameaças, violências e assédio político,

[12] Retirado de https://www.instagram.com/reel/DfF0Q_AukGS/?srtk=M2JvcjlnNWpwbG1q em 30 de outubro de 2026.
[13] OLIVEIRA, 2025.
[14] DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. Lisboa: Antígona, 2020.

atropelamentos, roubos de terras, exploração ilegal de recursos, tentativas de envenenamento da água de aldeias e assassinatos. Isso tem mobilizado o movimento indígena nas redes sociais solicitando às autoridades a proteção dos povos originários e pressão ao governo federal para ação imediata de investigação e punição desses crimes. Quilombolas e povos de terreiro também têm passado por situações similares. Ativistas, movimentos sociais, a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), deputadas e deputados federais indígenas têm solicitado com urgência a proteção a PF (Polícia Federal), ao MIR (Ministério da Igualdade Racial), ao MJ (Ministério da Justiça), ao MPI (Ministério dos Povos Indígenas), ao MPF (Ministério Público Federal), ao MDH (Ministério dos Direitos Humanos), ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e outros órgãos públicos para tomar providências. Como forma de chamar a atenção para esse tema criaram-se inúmeras mobilizações como manifestações públicas e na internet como o #exércitodospovosindigenas e #protejamnoossospovosindigenas (semelhante ao exército do Lula feito pelo deputado federal André Janones nas redes sociais) articulando mídias indígenas com mídias tradicionais progressistas, redes políticas nacionais e internacionais para pressionar o governo a garantir proteção e demarcação de terras. Contudo, é importante ressaltar que poucos territórios indígenas e quilombolas possuem internet de qualidade. O rádio também é um meio de comunicação que precisa ser disputado. Inspirado nessa disputa das redes digitais criou-se também o Exército Antirracista com as mesmas pretensões e rompendo com as fake news sobre o Movimento Negro.

No livro 1984 de George Orwell, nos apresenta os slogans da sociedade totalitária: “Guerra é paz / Liberdade é escravidão / Ignorância é força"[15]. Esses parecem ser também hoje os lemas do neofascismo brasileiro. A dissonância cognitiva transforma o absurdo em norma. Ala Orwell, os patriotas brasileiros defendem intervenção militar dos EUA; os defensores da

[15] ORWELL, George. 1984. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

família tradicional e dos valores conservadores estão envolvidos em orgias, exploração sexual e tráfico de mulheres BRANCAS de zonas de guerra como a Ucrânia; os defensores de valores cristãos faz o símbolo de arma com a mão, atacam direitos sociais e trabalhistas dos mais pobres; os ardorosos anticorrupção estão envolvidos em escândalos bilionários de corrupção; os neoliberais contra a assistência do Estado a pesquisa científica tomam champagne no Copacabana Palace, debocham dos manifestantes que defendem Lula e a democracia acenando 22 (número do candidato Flávio Bolsonaro) e usam dinheiro de bolsa de pesquisa do governo federal; os defensores da propriedade invadem terras quilombolas e indígenas. Flávio Bolsonaro ainda é acusado de roubar uma ilha de um jogador de futebol. O cinismo, a agressividade, o escárnio, o deboche e a mentira viram método. Sobre isso, Valter do Carmo Cruz em vídeo analisando o debate do segundo turno diz:

> Aquela postura debochada, as provocações, uma performance grotesca e patética que agora é vista com naturalidade. Mas na verdade, impacta aquele comportamento, mas não surpreende porque trata-se de um método de fazer política da extrema-direita no mundo inteiro. Uma forma de fazer política que tenta destruir a ideia de verdade e de realidade, se apoderar da linguagem, correr as próprias condições que permitem um debate democrático. Isso acontece por causa de três elementos fundamentais [...]
> O primeiro é a destruição com qualquer compromisso com a verdade e a realidade compartilhada. Tudo pode ser negado, manipulado e relativizado. Cada um constrói sua versão fictícia da realidade, e assim, perdemos a oportunidade de construir um mundo em comum, que é o fundamento político de qualquer projeto coletivo. A mentira vira método. A desinformação vira estratégia. E isso implica num apodrecimento da palavra e da linguagem política. Não se trata mais de usar a linguagem para transmitir ideias, propostas e projetos. Trata-se de apoderar da própria linguagem, deformar as palavras, esvaziar os seus sentidos, contaminar as maneiras de pensar e sentir, manipulando o comportamento coletivo. O deboche substitui o argumento. O insulto substitui a crítica. O escárnio substitui o debate democrático. É a destruição da capacidade da palavra de produzir diálogo e de comunicar idéias, sentimentos e projetos. Isso é muito grave! E é mais grave porque o outro

> elemento presente é uma espécie de desumanização e negação do outro. O adversário político passa a ser alguém com quem não podemos debater e discordar simplesmente. Ele é objeto de uma fúria que transforma ele num inimigo a ser humilhado, desqualificado e destruído. Humilhar vira demonstração de força. A agressividade é confundida com coragem. A crueldade se transforma em virtude política. Um ethos miliciano claramente presente naquele comportamento. É nessa articulação entre a destruição da ideia de verdade e de qualquer vínculo com a realidade, o apodrecimento da linguagem e da desumanização, que eu reconheço claramente nessa forma de fazer política da extrema-direita, uma subjetividade fascista que afeta profundamente a ideia de democracia. Porque a democracia não é somente eleição e instituição. Ela precisa de sociabilidade e de linguagem. É preciso um mínimo de contrato coletivo ético. Quando a mentira vira método, o deboche vira linguagem e a crueldade vira virtude, o que está sendo destruído não é apenas o debate político, mas as próprias condições da existência da democracia. E isso é sério demais para ser naturalizado. Nós precisamos conter, nós precisamos impedir que essa forma de fazer política se torne institucionalizada e controle o Estado brasileiro. É preciso fazer um dique de contenção a esse avanço fascista[16].

Esse método neofascista modela subjetividades definindo quais vidas que são dignas de serem vividas, protegidas e enlutadas quando morrem e quais não são[17]. O enfrentamento ao neofascismo globalitarista, diria Milton Santos, também foi feito através de ações que combatem a falsificação da realidade. Uma juventude que não vê futuro foi para as ruas, criando usos políticos do espaço, para apoiar a democracia e a Luiz Inácio Lula da Silva. Artivismo nos transportes públicos mostrando na linguagem daqueles que vivem as agruras da experiência da escassez. Do tempo rápido do mundo digital ao tempo lento no trânsito dos transportes públicos lotados. Milton Santos[18] nos ensina que o mundo fabricado pelos atores hegemônicos é um

[16] Retirado de https://www.instagram.com/reel/DesmP2LPswE/?exln=MXI4dXY3dXRvdml2ag%3D%3D em 30 de outubro de 2026.
[17] BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015.
[18] SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000.

mundo de fábulas, isto é, o mundo que nos fazem ver. Esse mundo silencia um mundo perverso, ou seja, um mundo como ele é e os outros projetos de globalização. A alegoria da caverna de Platão nunca esteve tão presente como nos dias de hoje[19]. As imagens que são mostradas pelo bolsonarismo substituíram a realidade.

6. A relação Brasil - EUA

O evento eleitoral presidencial do dia 25 de outubro de 2026 no Brasil foi uma vitória parcial contra segmentos do bloco de poder nacional e a lógica totalitária do grande capital global. No dia seguinte, a bolsa de valores caiu e o preço do dólar em relação à moeda brasileira aumentou.

Donald Trump não só não reconheceu o pleito eleitoral brasileiro, como também, insinuou, sem provas, fraude nas eleições brasileiras. Em seguida disse que gosta de Lula. Dois dias depois do resultado das eleições, o candidato Flávio Bolsonaro fugiu do Brasil, com auxílio do governo dos EUA e do presidente argentino Javier Milei, com medo de ser preso devido aos vários processos criminais que responde. Ele foi para os EUA apresentando uma carta golpista (revisada três vezes pelo próprio sob pressão do governo dos EUA) não reconhecendo as eleições brasileiras. Com Donald Trump os EUA tornou-se refúgio de criminosos da extrema-direita, encarcerador e deportador de imigrantes. Não podemos desprezar as articulações e cooperações entre a extrema-direita neofascista em diferentes partes do mundo. A proteção de Donald Trump aos golpistas sinaliza que os neofascistas não ficaram passivos e menos agressivos diante do insucesso de suas pretensões. Isso preocupa e gera um grande malabarismo para a diplomacia brasileira, mas cremos que também torna-se necessário a ação de uma ‘diplomacia’ para além do

[19] PLATÃO. A república, livro VII. Brasília: UnB, 1996.

Estado, isto é, dos movimentos sociais. A maior potência militar do mundo, governada por um presidente lunático, abriga agora o fujão Flávio Bolsonaro, que se juntou a seu irmão Eduardo e a Paulo Figueiredo (neto do último presidente da ditadura) e também conspirador contra o Brasil. A ingerência dos EUA em assuntos internos do Brasil continua. Novas tentativas de desestabilização, ataques às instituições democráticas e uso político-ideológico do resultado eleitoral brasileiro são esperadas para que o governo dos EUA consiga satisfazer os seus interesses.

Desde a eleição de Donald Trump tanto no primeiro (2017 à 2021) quanto no atual segundo mandato (2025 até hoje) os EUA deixam explícito que a sua hegemonia está em crise e renovou o seu projeto imperialista. Tornar os EUA grande de novo envolve reafirmar uma supremacia masculina, branca, burguesa, etnocêntrica e cisheteronormativa. Trump e seus seguidores fazem questão de demonstrar isso a todo momento.

Gramsci[20] afirmava que o ator hegemônico estabelece uma relação indissociada e indissociável entre coerção e liderança moral/intelectual. A *coerção* expressa o uso da força, isto é, uma ação do *hard power*[21] contra aqueles que desafiam a sua atuação como um líder. Já a *liderança intelectual e moral* busca demonstrar que o ator é capaz de conduzir a todos a um bem comum, ou seja, o *soft power*[22]. A moral e a liderança intelectual dos EUA com Donald Trump tem sido bastante deteriorada e sua ação tem se aproximado muito de um regime tirânico, especialmente com a taxação de vários países sem um real motivo, a retomada imperialista contra o Canadá, Groenlândia, Canal do Panamá, a chantagem para tomar as terras raras da Ucrânia, o sequestro do presidente Nicolás Maduro da Venezuela para tomar o petróleo desse país, o apoio a regimes de e candidatos de extrema-direita, a pressão contra governos que

[20] GRUPPI, Luciano. O Conceito de Hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
[21] NYE, Joseph S. Paradoxo do poder americano. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
[22] Idem.

possuem recursos centrais para a economia dos EUA, entre outros. Dupas[23] aponta que a hegemonia econômica dos EUA no século XX se deu a partir do controle de pelo menos três elementos: 1- o controle dos recursos essenciais e estratégicos; 2- o controle dos trabalhadores; e 3- o controle das tecnologias de ponta. Ter um parceiro estratégico e submisso aos interesses dos EUA era central para exploração de terras raras (o Brasil é o segundo maior país do mundo que possui esse conjunto de minerais perdendo apenas para China), as maiores reservas de nióbio e grafite[24].

É importante que não cometamos a tolice de achar que a mudança de cenário político com as eleições de meio de mandato nos EUA, vencida majoritariamente pelo Partido Democrata, eles serão nossos parceiros, especialmente se tiver uma candidatura negra para a futura eleição presidencial. Trump faz explícito o que os Democratas fazem na surdina.

A luta contra o neofascismo representa um combate constante de contra-informação tanto das notícias falsas que Flávio Bolsonaro apresentava em todas as suas falas quanto dos reais interesses do apoio de Donald Trump a sua candidatura. Assim, o circuito superior da política e economia, marcada pela atuação de grandes empresas, mercado financeiro e as grandes potências, busca estabelecer uma geopolítica global de controle dos recursos essenciais e estratégicos para produção de tecnologias de ponta[25] como drones, celulares, armamentos, microchips, etc a serviço da acumulação por espoliação e despossessão[26] que promove um ajuste espacial das áreas que estão sob seu controle. Racializar os territórios que estão sendo disputados pelo capitalismo global torna-se uma tecnologia geopolítica de definir que as pessoas sobre esses

[23] DUPAS, Gilberto. Ética e Poder na Sociedade da Informação: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
[24] Retirado de https://www.youtube.com/watch?is=y6fyNQ0ayEUMSX9w&v=F0aBW8GcAtE&feature=youtu.be em 30 de outubro de 2026.
[25] DUPAS, 2002.
[26] HARVEY, David. O Novo Imperialismo. São Paulo: Loyola, 2005.

territórios são matáveis e não geram comoção social[27]. O território deixa de ser espaço de produção e reprodução da vida comunitária e torna-se espaço para exploração do grande capital.

7. **“Cumé que a gente fica?”**[28]

É importante ressaltar que os governos do PT (Partido dos Trabalhadores) criaram políticas contraditórias. Ao mesmo tempo que construíram políticas sociais (muitas delas sob pressão dos movimentos sociais) também os grandes projetos de desenvolvimento tiveram muitas críticas. A mobilização social para o quarto mandato precisa questionar os projetos de desenvolvimento do PT no Brasil e projetar outros horizontes de sentido[29].

Vários programas, projetos e planos criados e coordenados no governo Lula precisam ser exponenciados, criticados, repensados, reavaliadas e alguns banidos por deteriorar as condições de existências onde essas ações se territorializam. Escutar as comunidades não pode ser um exercício retórico. Participação consultiva e deliberativa das comunidades precisa ser colocada como um dos centros de um governo que se diz democrático em qualquer ação que for pensada[30].

Também, não esqueçamos que o combate ao neofascismo é também uma luta anticapitalista. Logo, a direita tradicional que se uniu nas mobilizações populares continua sendo um inimigo. Ela está à espreita para lançar o bote. A direita tradicional continua defendendo o neoliberalismo, o arcabouço fiscal, o empresariamento da gestão pública, o superávit fiscal, o

[27] OLIVEIRA, 2025.
[28] GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira: Cumé que a gente fica? Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984.
[29] QUIJANO, Aníbal. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2020. 1ª edição especial.
[30] Para isso ver também a *Avaliação das eleições e o lugar da pauta racial no governo Lula 4.0* em https://www.youtube.com/watch?v=uCTcsUWJYCo

teto de gastos, a diminuição do Estado, privatizações, a meritocracia, o rentismo, o fim dos direitos sociais, trabalhistas e garantia dos privilégios das elites dirigentes. Parem de incubar o ovo da serpente!

Nunca foi tão urgente colocar como centro da luta pela democracia a questão racial interseccionada com outros marcadores sociais como classe, gênero, sexualidade, origem geográfica, pcd's, entre outros. Sem políticas de reparação, ações afirmativas, o combate ao racismo nas diferentes esferas, escalas e contexto e a eliminação das desigualdades raciais não poderemos garantir verdadeiramente uma democracia.

Nossa disputa política e orçamentária não pode estar apenas no Ministério da Igualdade Racial, Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério de Direitos Humanos, Ministério dos Povos Indígenas, Ministério das Mulheres e a indicação de uma mulher negra, comprometida com os movimentos sociais, para o STF. Precisamos disputar e/ou no mínimo constranger todas as indicações para os ministérios e setores chave do governo. O Banco Central, Ministérios da Fazenda, da Justiça, da Casa Civil, da Educação, da Saúde, dos Esportes, Turismo, Meio Ambiente, das Minas e Energia, do Desenvolvimento Agrário, das Cidades, entre outros, precisam sentir-se pressionados e compromissados com as nossas pautas enquanto Movimento. Estamos saturados do discurso de sacrifício de nossas pautas para garantir governabilidade.

O período é complexo e demanda astúcia, como diria Michel De Certeau[31], saber jogar no jogo do inimigo e ginga, como na capoeira, construir movimentos que impeçam que nos atinjam imprimindo forças para atacar no momento certo. Compreender o momento significa construir as melhores táticas e estratégias que devemos fazer, enquanto Movimento Negro, para se aliar, pressionar, criticar, cobrar, disputar e também ser autônomos do governo Lula neste quarto

[31] DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

mandato. Estaríamos diante de uma Primavera Antifascista iniciada no Brasil? O tempo dirá se estamos certos ou errados.